

O Sahel Resiste:

Uma história de exploração e luta pela libertação

A crise humanitária do Sahel é uma consequência direta de interações complexas entre sistemas econômicos neocoloniais, conflitos armados e mudanças climáticas. Apesar de sua vasta riqueza natural, a região continua sofrendo com a pobreza extrema, a fome e a violência, em grande parte devido à exploração econômica sistêmica por potências estrangeiras e corporações multinacionais.

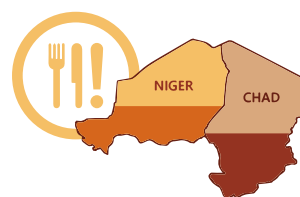
Em todo o Sahel, as pessoas enfrentam:



altas taxas de desemprego entre os jovens e alguns dos PIBs per capita mais baixos do mundo



A insegurança alimentar chega a atingir de **30 a 40%** em países como Mali e Burkina Faso.



Até 40% da população do Níger e do Chade enfrenta desnutrição

Além da desertificação, da seca e das enchentes induzidas pelas mudanças climáticas, que levam à redução da produtividade agrícola, milhões de pessoas dependem da importação de alimentos, que são vulneráveis às flutuações do mercado.

Conflitos violentos envolvendo grupos jihadistas, insurgências e presença militar estrangeira forçaram milhões de pessoas a fugir de suas casas. Mais de 20 grupos armados – incluindo o Estado Islâmico no Grande Saara (EI-GS) e a Al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQMI) – estão matando milhares de civis. Somente em Burkina Faso, **quase 1 mil civis foram mortos** em 2020 e 3,5 milhões foram **deslocados** em 2021, um aumento de quatro vezes em um ano. Cerca de 3 milhões de malineses **precisam de assistência humanitária**, enquanto Níger, Mauritânia e Senegal estão recebendo populações crescentes de refugiados à medida que as pessoas fogem da violência.



As execuções extrajudiciais e os desaparecimentos forçados são generalizados. Somente no Mali, mais de **300 execuções extrajudiciais** ocorreram em 2020.



2 milhões de mulheres e crianças são afetadas pela **violência sexual e de gênero** na região.



As violações dos direitos humanos e as restrições de segurança colocam os trabalhadores humanitários em risco (10 foram mortos somente em 2020), dificultando as missões de ajuda humanitária.

Para enfrentar a crise, será necessário dismantelar as estruturas econômicas exploradoras, promover o desenvolvimento sustentável, melhorar a segurança e garantir que a ajuda chegue aos mais necessitados. Somente com essas medidas, o Sahel poderá começar a se libertar do ciclo de dependência e dificuldades que o assola há décadas.



A Conferência de Berlim de 1884: A divisão colonial da África

Para entender como os países do Sahel chegaram à sua situação atual, precisamos voltar ao início: a Conferência de Berlim de 1884. [A Bélgica desempenhou um papel fundamental](#) na colonização da África pela Europa, com a política do Congo do [Rei Leopoldo II](#) levando diretamente os países europeus a assumirem uma posição firme e decisiva em relação às suas ambições na África, conquistando rapidamente sua parte dos espólios.

A partilha da África não foi iniciada apenas pela França, que se dedicou à expansão colonial após sua [derrota na Guerra Franco-Prussiana de 1870](#); foi a Grã-Bretanha que alterou o equilíbrio de poder ao ocupar o protetorado internacional do Egito. Isso levou outras nações europeias a intervir nos assuntos africanos – até mesmo [Otto von Bismarck](#) mudou sua postura anticolonial anterior e declarou a proteção alemã ao Togo e a Camarões.

A [Conferência de Berlim](#) de 1884 foi convocada para resolver disputas entre as potências coloniais, que alegaram que o objetivo da reunião era humanitário: desenvolver a África, difundir a civilização, combater a escravidão e garantir a liberdade de navegação nos rios africanos.

Entretanto, na realidade, elas se reuniram para estabelecer princípios comuns para organizar a pilhagem colonial e evitar conflitos entre si.



Assim, a revelação das ambições do rei Leopoldo no Congo deu início à disseminação do colonialismo europeu na África. Embora a Conferência de Berlim tenha procurado regular as relações entre as potências coloniais por meio de princípios legais definidos, na prática, ela apenas acelerou a corrida colonial pelo continente, daí a expressão comum: a “partilha” colonial da África.

A França apressou-se em tomar a Costa do Marfim; a Grã-Bretanha assumiu o controle da Nigéria e de Botsuana e dominou o sul da África por meio dos esforços de Cecil Rhodes, que fundou a [British South Africa Company](#) em 1889, para explorar as minas de ouro da região.

O papel do imperialismo e do neocolonialismo no Sahel

Durante séculos, o Sahel esteve na encruzilhada das ambições globais, **uma região onde o imperialismo plantou suas raízes brutais e onde o neocolonialismo continua a moldar destinos, ainda que muito tempo depois de que as bandeiras coloniais fossem retiradas.**

Desde a violenta divisão da África na Conferência de Berlim até as bases militares de hoje, as potências estrangeiras trataram o Sahel não como uma comunidade de nações soberanas, mas como um prêmio estratégico a ser conquistado, administrado e explorado.

O colonialismo francês, e europeu como um todo, **redesenhou os mapas da região** com pouca consideração pelas pessoas que ali viviam. Os atuais Mali, Níger, Burkina Faso, Chade e Mauritânia foram esculpidos em territórios artificiais, **rompendo antigas rotas comerciais e fraturando sociedades centenárias.**

O domínio colonial impôs trabalho forçado, impostos paralisantes e um sistema econômico brutal criado para extrair riquezas para as capitais europeias, deixando um legado de instituições quebradas e futuros roubados.

Os movimentos de independência da década de 1960 trouxeram uma onda de esperança, mas a soberania formal mascarou a dominação contínua; as potências ocidentais consolidaram sua influência por meio de interferência política e dependência econômica fabricada.

A era do colonialismo aberto deu lugar à tirania mais sutil da intervenção militar e da dominação econômica, que se aprofundou sob a pressão das instituições financeiras internacionais.

O franco CFA, uma relíquia colonial que ainda prende as economias do Sahel a Paris, tem sido uma ferramenta de controle financeiro.

Os líderes que ousaram desafiar a ordem neocolonial, **como Thomas Sankara**, foram sistematicamente eliminados sob o peso de golpes e assassinatos apoiados por estrangeiros.

As “operações de segurança” protegem os interesses econômicos ocidentais, especialmente as minas de urânio da Nigéria, essenciais para as necessidades energéticas francesas

Sob o pretexto de “combater o terrorismo”, a França lançou a **Operação Serval (2013)** e a **Operação Barkhane (2014)**, incorporando milhares de tropas em toda a região.

Por meio do AFRICOM, os Estados Unidos estabeleceram bases de drones, aprofundando a militarização do Sahel.

Os ajustes estruturais do FMI e do Banco Mundial destruíram os serviços públicos, forçaram privatizações e provocaram ondas de desemprego.

Essas iniciativas imperialistas não ofereceram soluções reais para a pobreza, a privação de direitos e o colapso social.

Apesar das vastas riquezas do Sahel em ouro, urânio e petróleo, os lucros continuaram a fluir para o exterior, enriquecendo as corporações estrangeiras, enquanto as comunidades da região foram deixadas para trás, lutando sob o duplo fardo da pobreza e da degradação ecológica.

Politicamente, a mão do neocolonialismo permaneceu firme. Os governos que atendiam aos interesses estratégicos ocidentais eram recompensados com ajuda e cobertura diplomática, mesmo quando não atendiam às necessidades básicas de seu povo. **Os movimentos populares que exigiam mudanças eram, muitas vezes, enfrentados com repressão, sanções ou isolamento.** Quando revoltas em massa e golpes militares eclodiram no Mali em 2021, em Burkina Faso em 2022 e no Níger em 2023, **a reação do Ocidente foi rápida e previsível: condenação, punição econômica e esforços renovados para restaurar os regimes sob seu domínio, em vez de abordar as causas mais profundas da raiva e da alienação populares.**

No entanto, um novo capítulo pode estar se desenrolando. As recentes expulsões das tropas francesas e a formação da Aliança dos Estados do Sahel (AES) refletem uma profunda mudança de consciência, uma recusa coletiva de permanecer preso aos velhos padrões de dependência e subjugação.

Em todo o Sahel, uma nova geração de líderes e ativistas está surgindo, determinada a recuperar a soberania, forjar uma unidade regional genuína e acabar com o cerco secular ao seu futuro. A luta está longe de terminar, mas, pela primeira vez em décadas, o equilíbrio de poder pode estar mudando, ainda que ligeiramente, em favor do povo.



A luta revolucionária do Sahel: uma história escrita na rebeldia

O Sahel é mais do que uma região geográfica, é um símbolo da luta inabalável por liberdade e soberania. Durante séculos, os povos do Sahel resistiram a todas as formas de dominação, do imperialismo ao neocolonialismo, por meio de revoltas, luta armada e mobilização política.

Desde o Reino Tukulor e a resistência de Samori Toure contra os franceses no século XIX até a explosão dos movimentos de libertação nacional com figuras-chave como Modibo Keita no século XX, essa região tem sido constantemente o local de resistência contra a exploração externa e a repressão interna.



Talvez a figura revolucionária mais icônica do Sahel tenha sido Thomas Sankara, de Burkina Faso. O levante promovido por Sankara, em 1983, derrubou o regime corrupto da época e estabeleceu um governo centrado na ideia de “democracia revolucionária”. **Suas políticas, que incluíam reforma agrária, nacionalização de indústrias importantes, uma abordagem radical dos direitos das mulheres e a união entre as nações africanas, fizeram dele um herói para os oprimidos, não apenas em Burkina Faso, mas em toda a África.**

Ele foi assassinado enquanto seu governo era derrubado, em 1987, marcando um fim trágico para um dos projetos revolucionários mais ambiciosos da África. No entanto, o legado de Sankara continua vivo, inspirando gerações a lutar por justiça e igualdade

“Embora os revolucionários, como indivíduos, possam ser assassinados, não se pode matar ideias.”

– Thomas Sankara

Resistência contra o neocolonialismo: O que a AES significa para os povos do Sahel

Com o início do século XXI, o Sahel enfrentou novos desafios, mas o espírito revolucionário não morreu. O neocolonialismo – na forma de intervenções militares estrangeiras, exploração e imposição de políticas econômicas lideradas pelo Ocidente – continuou a ameaçar a soberania da região. Por meio de [sanções econômicas e da ameaça de intervenção militar](#), as potências ocidentais representadas pela França e pela CEDEAO (Comunidade Econômica dos Estados da África do Oeste) tentaram apertar o laço dos novos governos sahelianos. No entanto, países como Mali, Níger e Burkina Faso experimentaram um ressurgimento de movimentos populares contra a presença militar francesa e a influência econômica estrangeira.

A rebelião tuaregue de 2012 no Mali viu combatentes tuaregues marginalizados declararem a independência da região de Azawad, desafiando o governo central, que era visto como um fantoche de interesses estrangeiros.

Citando questões de segurança regional, disseminação do terrorismo, exploração de recursos e condições econômicas precárias, Mali, Níger e Burkina Faso derrubaram seus regimes anteriores e formaram a Aliança dos Estados do Sahel (AES).



O principal objetivo declarado dos países da AES é restabelecer sua soberania. Para Mali, Níger e Burkina Faso, isso significa recuperar o controle interno sobre seus recursos naturais e fronteiras e, ao mesmo tempo, reduzir a propriedade estrangeira e o domínio sobre suas políticas. Com o surgimento da Aliança dos Estados do Sahel, formou-se um baluarte contra ameaças compartilhadas.

Foram iniciadas discussões sobre a possibilidade de adoção de um passaporte e de uma moeda unificados da AES, solidificando essa aliança baseada na priorização das demandas populares e de uma economia nacional em que o povo seja o principal beneficiário da riqueza do país.

Tanto Mali quanto Burkina Faso nacionalizaram operações de mineradoras antes sob propriedade estrangeira, trazendo milhões de dólares em receitas para seus países. O Níger fez o mesmo com algumas de suas muitas usinas de extração de urânio. Todos os três países estão experimentando crescimento econômico, sendo que o Níger é a economia que mais cresce na África e a terceira economia que mais cresce no mundo

Esses sentimentos no Sahel provocaram um movimento popular contra a intervenção militar estrangeira. Essa manifestação massiva de sentimento anti-imperialista levou ao que as forças locais chamaram de “revoltas nacionais”, ajudando a remodelar a governança à medida que as pessoas exigem soberania e trabalham para construir um futuro mais independente.

O presidente de Burkina Faso, Ibrahim Traoré, declarou em um discurso:

“*não pedimos que ninguém intervenha para afetar nosso destino. O povo burquinense decidiu lutar, lutar contra o terrorismo para melhorar nosso desenvolvimento*”

— Ibrahim Traore



Assista a série **Vozes do Sahel**

